

EDITORIAL

Este número assinala os 10 anos de existência da *prisma.soc*, uma newsletter que ao longo dos anos se tornou num importante espaço de partilha para a Sociologia de Coimbra. Fruto de um trabalho colaborativo entre professores/as, investigadores/as e alunos/as, a *prisma.soc* tem acompanhado a crescente institucionalização e projeção da Sociologia na Universidade de Coimbra, anunciando projetos, reflexões e experiências que se vão tecendo através das linhas do tempo.

Os últimos 10 anos caracterizaram-se por crescentes transformações – porventura paradigmáticas - das nossas sociedades e também da Sociologia. As correntes do pós-normal – ou “novo normal” - cristalizaram-se na crise pandémica, na guerra da Ucrânia, na crise climática, nas ameaças existenciais da inteligência artificial e numa série de eventos tectónicos que problematizam o chão sob os nossos pés. Este é o tempo de *Kairós*, mas sem a garantia de um *Deus ex machina* que possa restaurar a normalidade paradigmática.

O presente número da *prisma.soc* reúne uma série de contribuições que nos convidam a refletir sobre temáticas que incluem a guerra na Ucrânia, a crise na habitação, a luta de classes e o sindicalismo, as consequências negativas da transição energética e aspetos metodológicos relevantes para a nossa disciplina. Os vários textos seguem o alinhamento clássico desta publicação, incluindo ensaios, partilhas de investigadores/as no terreno, a análise cinematográfica, projetos de investigação em curso, experiências internacionais de estudantes de sociologia, a divulgação de notícias e eventos relevantes e a habitual lista de mestrados e doutoramentos concluídos.

Seguindo a tradição de anos anteriores, este número contou com uma vibrante colaboração entre docentes, investigadores/as e estudantes, registando-se uma forte participação de estudantes de Licenciatura, o que alimenta as nossas esperanças em relação à consolidação desta publicação e da Sociologia de Coimbra. Vivemos tempos de crise e renovação a todos os níveis, e a *prisma.soc* irá continuar a ser o espelho destas transformações, acompanhando as imprevisibilidades do presente e as metamorfoses da Sociologia.

António Carvalho, Daniel Neves Costa e Manuel Soares ■

Uma Sociologia da Devastação Bélica?	2
Um “clique” na Sociologia	5
A Ressonância Sindical como Vetor da Luta de Classes	7
No Terreno	9
Projetos	17
Socio.net	20
Vai e Vem	21
Notícias	23
Eventos	25
Ufa!	26

Uma Sociologia da Devastação Bélica?



Foto: EU Civil Protection and Humanitarian Aid *

Carlos Fortuna

Começo com a inquietação expressa por Theodor Adorno sobre como fazer poesia após Auschwitz. “Escrever poesia após Auschwitz é bárbaro”[1], escreveu o sociólogo com forte repulsa pela barbárie e a destruição de valores humanos do Holocausto. Para que a imaginação livre e criativa da poesia continuasse a experimentar-se, Adorno reclamava uma educação e um espírito crítico capazes de resistir ao mal da política e à banalidade da “cultura industrial” e cultivasse os valores da convivência democrática e dos direitos humanos.

Parto da conhecida reflexão de Adorno para a recontextualizar e questionar sobre que análise sociológica das cidades poderemos continuar a fazer depois da guerra da Ucrânia e da destruição bélica de Gaza. Em si, a guerra não captou o interesse da Sociologia e das ciências sociais, como sucedeu com a Ciência Política e as Relações Internacionais ou a pesquisa em Estratégia Militar. O que a Sociologia privilegiou foi a conflitualidade urbana, sendo recente a sua preocupação com a

guerra (Body-Gendrot, 1998). Quando a Sociologia se debruçou sobre a questão da guerra, já esta se urbanizara e mesmo assumira uma dimensão transnacional, deveras contrastantes com as *velhas* guerras clausewitzianas. As *novas guerras* surgem então inscritas no processo de globalização e da questão da soberania territorial dos estados que lhes fora associada pela modernidade (Kaldor, 1999).

A cidade é hoje uma “tecnologia” demasiado limitada para enfrentar e sobreviver à violência organizada da guerra. Tal fragilidade pode ser entendida como resultante do facto de a guerra moderna relacionar a micro-política do quotidiano das ruas e dos bairros urbanos com os macro-acontecimentos da política, da economia e das finanças (Sassen, 2008). Lamentavelmente, no entanto, continua muito escassa a reflexão sobre a interpenetração destes dois domínios no contexto das guerras urbanas contemporâneas: a vida local com as suas virtudes e limites, de um lado, e a desumana brutalidade dos poderes, incluindo o poderio bélico dos exércitos convencionais e a ação cínica dos grandes estratégias internacionais, de outro.

Ana Raquel Matos

Sendo contemporâneas, nascidas nos finais do século XIX, a Sociologia e a fotografia têm entrelaçado trajetórias ao longo do tempo. A fotografia desempenhou um papel crucial na análise de comportamentos no espaço público, tornando-se particularmente valiosa para a Sociologia Urbana. Ela proporcionou ainda o acesso direto à representação de sociedades distantes, tornando mais perceptíveis esquemas de interação. Mais recentemente, na década de 1970, surgiu a técnica de recolha de dados conhecida como "foto elicitação", permitindo a exploração, compreensão e captura de experiências e de significados culturais e sociais de forma mais profunda a partir de estímulos visuais. A fotografia acrescentou, assim, uma dimensão visual e contextual a questões sociais que, de outra forma, seriam apenas apreendidas através de narrativas construídas por palavras. Neste contexto, a sua utilidade estende-se hoje à compreensão e análise de fenómenos sociais específicos, como o estudo de grupos e comportamentos, a análise de emoções, de processos de mudança, mas também a interpretação da memória coletiva.

As potencialidades comunicativas da fotografia são extraordinárias, e enquanto ferramenta metodológica, ela tem aberto novas possibilidades de interpretação social a partir de uma representação visual de um passado mais ou menos longínquo. Por exemplo, quem percorre com os olhos estas linhas escritas partilhará, certamente, fragmentos de uma memória coletiva elaborada a partir de imagens de elevado valor sociológico, exatamente porque uma fotografia pode ser um poderoso artefacto histórico, cultural e político. É o caso da foto de Phan Thi Kim Phuc, a menina que corre desamparada, nua e em lágrimas, ao lado de outras crianças, após um ataque químico em 1972, durante a Guerra do Vietname. Também a fotografia do beijo entre um marinheiro e uma enfermeira na Times Square, perpetuou a celebração do fim da Segunda Guerra Mundial a partir da disposição de dois corpos que tornam particularmente visível o que designamos por “emoções”. Mas não esquecemos os contornos e as cores vívidas da morte de Aylan Kurdi, o menino refugiado curdo de três anos, foto capturada numa praia turca em 2015.



Foto: Ana Raquel Matos

A sociedade atual destaca-se pela produção, circulação e partilha sem precedentes de uma densidade de imagens e mensagens visuais. Os dias da pintura e do retrato, outrora acessíveis apenas a algumas camadas sociais mais privilegiadas, foram ultrapassados pelo avanço tecnológico, o qual veio facilitar o processo de democratização da imagem e proporcionar um acesso irrestrito a um vasto repertório imagético, aliado a mensagens visuais. Mais do que em qualquer outra época da história, a imagem, especialmente a fotografia, assume uma centralidade incontornável no nosso quotidiano, o que cria novos desafios e oportunidades à relação entre a Sociologia e a fotografia.

Essa produção e disseminação prolífica de fotografias na sociedade contemporânea oferece à Sociologia uma miríade de vantagens. Ao documentarmos visualmente o quotidiano, elevamos as imagens a fonte de dados com potencialidades várias como, por exemplo, para a análise de padrões culturais, de mudanças sociais e de evoluções comportamentais ao longo do tempo. Além disso, as imagens facilitam a identificação de tendências culturais em ascensão, os estudos em torno da construção de identidade, assim como a análise de interações sociais online, entre outras potencialidades.

Essa omnipresença de dispositivos móveis permite ainda à Sociologia investigar o impacto intrínseco da tecnologia na sociedade, abarcando desde questões de privacidade até às transformações das dinâmicas sociais. Por exemplo, algumas dessas imagens oferecem uma perspectiva visual profunda sobre paisagens visuais urbanas, facultando a documentação de mudanças arquitetônicas, mas também de organização do espaço público, dos seus usos e das interações que aí ocorrem. As fotografias podem ainda desempenhar um papel relevante no âmbito do ativismo social, amplificando a consciencialização em torno de questões políticas e culturais.

Tais vantagens não só enriquecem as metodologias visuais e a pesquisa sociológica, como contribuem para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais numa sociedade cada vez mais visual e interligada. Não obstante, é também importante abordar os constrangimentos que essa proliferação de imagens nas sociedades atuais coloca à Sociologia.

Perante processos desse tipo, as Ciências Sociais, e a Sociologia, em particular, enfrentam desafios significativos. Um desses desafios reside na necessidade de interpretar e compreender adequadamente a vasta informação visual hoje ao nosso alcance. A superabundância de imagens pode, assim, tornar-se uma barreira à análise sociológica, exigindo uma definição de critérios mais rígidos no que toca à sua seleção, assim, como a adoção de abordagens mais críticas na sua análise. De facto, a obsolescência rápida de conteúdos imagéticos que circulam nas redes sociais e outras plataformas online torna-se um desafio para a investigação sociológica. O acompanhamento e a compreensão dessas mudanças rápidas nas representações visuais da sociedade exigem a adoção de metodologias ágeis, mas sobretudo facilmente ajustáveis a esta realidade fluída.

Nesse sentido, também a representação fiel da realidade se constitui como um desafio, já que as imagens podem ser manipuladas, afetando a precisão dos dados sociológicos. Portanto, a

sociologia enfrenta aqui o desafio da autenticidade, ou seja, o de saber discernir entre representações autênticas e aquelas que são distorcidas, consciente ou inconscientemente.

A questão tecnológica implicada neste contexto coloca ainda outros desafios à Sociologia, impelindo-a a integrar ferramentas inovadoras nas suas análises, o que pode incluir imagens automatizadas, o recurso a inteligência artificial, entre outras tecnologias que podem enriquecer a compreensão sociológica, mas que, simultaneamente, exigem competências técnicas e uma reflexão crítica sobre o seu impacto na investigação que se produz.

Por fim, as questões éticas implicadas na utilização de imagens constituem outro dos desafios que deve aqui ser considerado. À medida que a já referida disseminação de fotografias se intensifica, a privacidade dos sujeitos e o respeito pelos seus direitos tornam-se questões prementes a considerar. Neste contexto, a Sociologia não pode descurar as implicações éticas suscitadas pela utilização desses dados visuais na produção de conhecimento científico. ■



Foto: Ana Raquel Matos



Foto: Daniel Neves Costa

Robson Thomaz

Doutorando em Sociologia - Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

Em um mundo que passa por mudanças, políticas, econômicas e sociais, cada vez mais rápidas e profundas, que impactam a vida de cada indivíduo e também moldam comportamentos sociais, tais como, de consentimento, de indignação e de omissão, a atuação dos pesquisadores e cientistas sociais ganha ainda mais importância.

A intervenção social de qualquer ciência ou técnica que não considere os estudos, os entendimentos e as classificações dos arranjos e comunidades desenvolvidos pela Sociologia, corre o risco de que os resultados dessas intervenções se distanciem das melhorias sociais tão aguardadas, nestes tempos de aumentos das desigualdades sociais e da revisão excludente de direitos humanos básicos, em especial no campo laboral.

É neste contexto de contestação e de fragilização da democracia que o papel social dos cientistas, em especial aqueles ligados à Sociologia, ganha ainda maior importância (Estanque, 2023); um dos elementos deste caleidoscópio social em eterna

mudança, que merece ser regularmente revisitado é o Movimento Sindical, dada a centralidade do campo laboral na estruturação e funcionamento das sociedades; apesar da redução da associação e participação de trabalhadores em seus sindicatos (Costa *et al*, 2020).

Corroborando com o reconhecimento da importância do Sindicalismo, que amplificou sua voz junto à maioria da população em função das transformações sociais decorrentes da Revolução Industrial, que além de valorizar o sistema de mercado, deu início a um processo acelerado de urbanização, para atender as demandas do rápido e contínuo surgimento de fábricas; esta nova paisagem urbana desaguou, também, no fortalecimento de uma classe trabalhadora organizada (Wolf, 2023).

As pautas sindicais sempre priorizam reivindicações voltadas à melhoria da remuneração dos trabalhadores. Sucede que a luta por melhores salários e condições de trabalho é também uma reivindicação do respeito e da ampliação dos direitos humanos (Estanque e Costa, 2011), haja vista que o sistema capitalista se baseia, também, no consumo, o que atrela uma vida minimamente digna à posse de dinheiro por parte dos indivíduos.

O Capitalismo é dinâmico e busca sempre ampliar as oportunidades de obtenção de lucros maiores e de forma mais rápida. A partir dessa premissa é possível considerar a Globalização e o Neoliberalismo como etapas de ajuste do funcionamento de um sistema ancorado na liberdade do mercado e na pretensa defesa das liberdades individuais.

As duas etapas acima referidas também possuem limitações e orientações que dificultam sobremaneira a construção de uma sociedade justa, que tenha como ponto de partida uma melhor distribuição da riqueza produzida, das oportunidades de mobilidade social e da mais equilibrada distribuição do poder (Piketty, 2021), entre os membros desta sociedade.

Reforçando a seletividade das ações decorrentes da Globalização, é lícito afirmar que apesar de vários pontos positivos, são os aspectos econômicos da Globalização que produziram a grande desilusão (Stiglitz, 2004) da maioria da população, dada a persistência da pobreza. O advento do Neoliberalismo também reforça a priorização dos seus maiores beneficiários. Este sistema, que também defende e depende de uma determinada política social que atenda aos seus interesses, não tem como prioridade a equidade social em todas as suas dimensões, assim sendo, os indivíduos localizados na base da pirâmide social precisam ser disciplinados (Rodrigues, 2022), para evitar ameaças à ordem social.

Esta versão do funcionamento do sistema capitalista, o Neoliberalismo, afirma que a ideologia do livre mercado será capaz de promover a inovação e a concorrência, essenciais para a melhoria da qualidade de vida; mas, as dúvidas existentes em função das inúmeras crises do sistema capitalista, apontam mais para a recomposição do poder de uma classe dominante e para a consolidação de poderes monopolistas e de empresas multinacionais (Harvey, 2019).

Neste contexto ganha importância o diagnóstico das relações subjetivas dos indivíduos com os objetos ao seu redor e de inúmeras patologias sociais (Rosa, 2019), relações estas diretamente impactadas pela modernidade; sendo que uma das linhas de argumentação do referido autor, a da necessidade da Sociologia se debruçar mais determinadamente nas relações do indivíduo com o mundo, por ele chamada de Ressonância, pode vir a ser uma pista para a adequação e revitalização da luta de classes por uma vida boa para todas e todos.

A Ressonância Sindical pode auxiliar na revisão das estratégias sindicais, calibrar a formação de lideranças sindicais e ampliar a consciência política da classe trabalhadora; através do diálogo com os demais movimentos sociais, e pelo entendimento da fragmentação social nos dias atuais, visando ampliar o poder de pressão social nas esferas públicas e privadas; esta ressonância pode ser

abordada, também, a partir da investigação de possíveis nexos entre patologias sociais e a precarização do trabalho de modo a contribuir para superar umas e outras.

Referências

- Costa, Hermes Augusto; Estanque, Elísio; Fonseca, Dora; Silva, Manuel Carvalho (2020), *Poderes sindicais em debate: desafios e oportunidades na Autoeuropa, TAP e PT/Altice*. Almedina, Coimbra.
- Estanque, Elísio (2023) *Ressonâncias e Sociologia Pública*. Ed. Vida Econômica, Porto.
- Estanque, Elísio; Costa, Hermes Augusto (2011 – Org.) *O Sindicalismo Português e a Nova Questão Social.- Crise ou Renovação*. Ed. Almedina, Coimbra.
- Harvey, David (2019) *Spaces of Global Capitalism*. Ed. Verso, London (UK), USA (NY).
- Piketty, Thomas (2021) *Pelo Socialismo*. Tradução Artur Lopes Cardoso, Ed. Bertrand Ltda., Lisboa.
- Rodrigues, João (2022) *O Neoliberalismo não é um Slogan*. Ed. Tinta-da-China Ltda., Lisboa.
- Rosa, Hartmut (2019) Nuno Oliveira «Hartmut Rosa (2019), Resonance. A Sociology of Our Relationship to the World», *Sociologia, Problemas e Práticas* [Online], 96, posto online no dia 15 abril 2021. Edição eletrônica URL: <https://journals.openedition.org/spp/9404>
- Stiglitz, Joseph E. (2004) *Globalização a Grande Desilusão*. Tradução Maria Filomena Duarte, Ed. Terramar, Lisboa.
- Wolf, Martin (2023) *A Crise do Capitalismo Democrático*. Tradução Jorge Pereirinha Pires, Ed. Gradiva Publicações, S. A., Lisboa. ■

A Viagem como experiência transformadora do nosso conhecimento do Mundo Iraque, Irão, Síria, Líbano e Paquistão

José Luís Santos

Doutorando em Democracia no Século XXI, FEUC

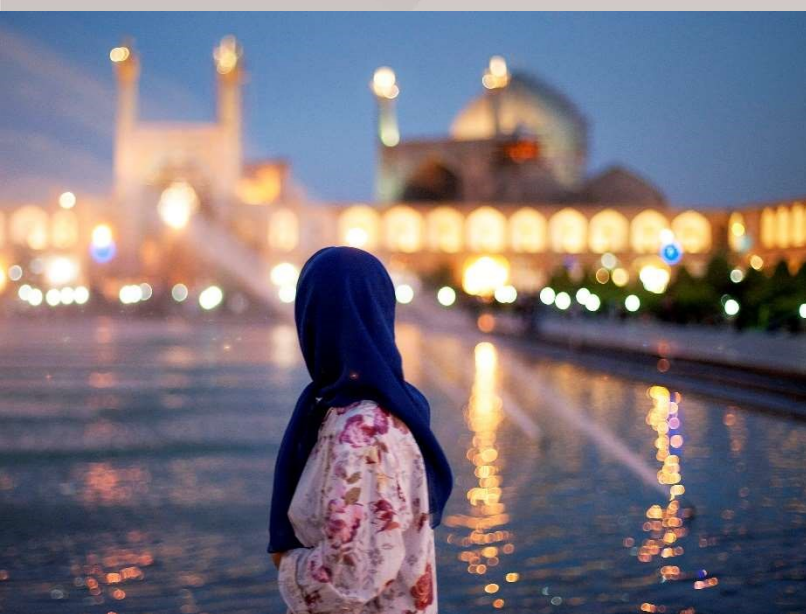


Foto: José Luís Santos

“Vais para o Iraque? és louco, eles vão matar-te!”
Esta é a reação natural da maior parte das pessoas quando as informei de que iria viajar para esse país. E foi a mesma aquando da minha partida para o Irão, Síria, Líbano ou até para o Paquistão. Este reflexo condicionado não vem do nada. É fruto de um entendimento estereotipado que o mundo ocidental tem destes países periféricos que, no âmbito das relações internacionais, não alinham no nosso diapasão.
Nem precisamos de recuar meio século para perceber o processo histórico que marcou o Médio Oriente, e de aí proliferarem aquilo que o recém-falecido Kissinger designava de ditadores “bons”, pois eram dos “nossos”, e os “maus”, que eram para afastar do poder e trocar por outros em conformidade com a realpolitik vigente. É a política dos dois pesos e duas medidas.

Esse será o ponto de partida para a diabolização do “outro”, elegendo-o como um ser pertencente a uma subcategoria humana, aquilo que na Antiguidade Clássica era a pedra de toque para a designação de “bárbaros”. O clã Assad na Síria, Khomeini no Irão e Saddam Hussein no Iraque encarnaram ao longo dos tempos os líderes de boa parte do “império do mal” a que se referiu George W. Bush em 2002.

Com base neste entendimento, a comunicação social também não foi imparcial, contribuindo assim para a construção de um conhecimento viciado nas suas bases, dando lugar a narrativas que condicionaram fortemente o conhecimento, opinião e conseqüente participação pública dos cidadãos.

Da mesma forma que Saramago entendia que, para se ver a ilha, teríamos de sair dela, também nós temos de deixar o nosso espaço físico para conhecer o mundo envolvente, desligando-nos de um conhecimento que por vezes peca pelo excesso de teor escolástico, que acaba por nos enviesar a leitura da realidade sobre a qual nos pretendemos debruçar. Há que fazer as malas e partir.

“Ver para crer”, em plena vivência *in loco*, acaba por revelar-se uma experiência transformadora do nosso conhecimento do mundo. Numa época marcada pela participação na nova praça pública que são as redes sociais, o facto de viajar para estes destinos demonizados, fotografar e mostrar a sua realidade através de exposições de fotografia, partilhas em redes sociais, crónicas de viagem, ou mesmo organizar viagens para aí, é uma forma de promover um conhecimento não condicionado por terceiros.

Ao se difundirem assim imagens e impressões sobre “o outro” de uma forma mais direta, limpa de preconceitos e sem se cair na perspectiva do olhar e julgamento do dominador sobre o dominado, estamos a dar-lhes uma voz e um espaço que não costumam ter direito.

Poderão desta forma, criar-se condições para que, a médio ou a longo prazo, se estimule uma participação pública mais consciente para assim, em contexto democrático, promover um aperfeiçoamento da governação com vista a uma política de maior interculturalidade. ■



Foto: Ana Raquel Matos

Um pé dentro e outro fora: desafios do trabalho de campo com subculturas

Manuel Soares

Doutorando em Sociologia, FEUC e CES

Bolsa de doutoramento FCT 2021.06792.BD/ Manuel Soares

Um dia Howard Becker, influente sociólogo norte-americano recentemente falecido, questionou de que lado estamos quando investigamos. Para ele o dilema de investigar e tomar um dos lados era algo que não fazia sentido, uma vez que isso pressuporia que teria de ser possível fazer investigação que não fosse, de alguma forma, pautada por um certo interesse político ou pessoal pelo objeto em estudo. O problema não se colocava, então, em estudar algo pelo qual nutríamos especial simpatia, mas sim em não permitir que esse envolvimento influenciasse a forma como o íamos investigar. Quando há alguns anos decidi estudar a subcultura gótica, deparei-me com esta mesma questão. Sendo alguém que, de alguma forma, há muito estava com um pé dentro desta cultura alternativa, questionava-me se esse facto não poderia condicionar a minha investigação. Graças a Becker, pude resolver este “dilema” e iniciar os contactos que me permitissem começar a trabalhar no terreno com a convicção de que o meu papel seria o de investigador e não o de investigado.

Quando iniciei o meu trabalho de campo, deparei-me com algo que não esperava, especialmente por, como acima afirmei, me considerar alguém

que tinha alguma ligação com o objeto que me propunha estudar. Talvez por isso tenha assumido que a entrada no terreno me seria fácil. Contudo, ao iniciar os primeiros contactos percebi que, afinal, a minha posição de alguém que estava, ainda que muito tenuemente, ligado a esta cultura alternativa não me garantia o acesso aos atores, pois as portas tardavam em abrir-se para que eu pudesse entrar numa comunidade que, por definição, é de nicho e que se procura resguardar. Não foi preciso muito tempo para concluir que necessitaria de alguém que me franqueasse as portas, aquilo a que a literatura chama o *gatekeeper*. Felizmente, foi-me possível encontrar não um, mas dois atores da cena que me conduziram até outros e que me abriram as portas para esta comunidade.

Desta forma, a minha entrada foi acontecendo com naturalidade e foi-me possível entrar em contacto com vários atores que eu pretendia conhecer. Ao longo dos últimos anos, tenho estado presente em Leiria e acompanhado diversos eventos que a Associação Cultural Fade In organiza regularmente, com especial enfoque para o festival gótico Extramuralhas. A minha presença nesses eventos tem-me permitido recolher diverso material para a minha investigação. A observação participante que venho fazendo de há mais de dois anos a esta parte tem sido fundamental para estabelecer um constante diálogo com a teoria que me serviu de base para a minha investigação. As inúmeras entrevistas que tenho realizado têm-me também permitido obter informação essencial para redigir os capítulos empíricos que me tomarão o tempo que resta até à conclusão da minha tese.

Igualmente importante tem sido recolher e analisar inúmeros documentos como notícias de jornais e media digitais, panfletos e cartazes respeitantes aos eventos da subcultura gótica, e também milhares de fotografias que tive a oportunidade de ir fazendo ao longo dos últimos anos. Se, no início, todos estes documentos tiveram de ser obtidos por mim, com o decorrer do trabalho de campo e das pessoas que, entretanto, fui conhecendo, muito deste material foi-me chegando através de membros da comunidade gótica, que, após tomarem conhecimento da minha investigação, mostraram interesse em poderem colaborar e ajudarem a enriquecer o meu portfólio.

Após um momento inicial em que me debati com algumas dificuldades (diria mesmo resistência) em conseguir entrar no terreno, encontro-me hoje numa posição mais confortável, em que já vou obtendo o reconhecimento pelo trabalho que estou a desenvolver por parte dos participantes da subcultura gótica. Mas não se julgue que com a entrada no terreno uma via verde se abriu para o meu trabalho. Têm sido muitos os casos de recusas. Várias vezes tive entrevistas agendadas que depois acabaram canceladas e nunca se realizaram sem qualquer explicação. Existem, naturalmente, pessoas que não estão disponíveis para serem entrevistadas, pois não se consideram ratos de laboratório para serem estudados. Esse é um dos maiores problemas para quem, como eu, se propõe estudar uma subcultura: estas pessoas tendem a resistir a abordagens para estudos de índole académico, pois temem que, com isso, estejam a contribuir ainda mais para reforçar os estereótipos negativos em relação à sua subcultura, em vez de contribuir para que eles sejam desfeitos. Esse tem sido o grande desafio para o meu trabalho. E, aqui sim, o meu estatuto de alguém que está com um pé dentro da subcultura tem sido precioso para conseguir inverter esta desconfiança. Estou certo que, de outra forma, o meu trabalho de investigação seria muito mais difícil.

Referências:

Becker, Howard (1967) Social Problems, Vol. 14, No. 3. pp. 239-247. ■

A Baixa de Coimbra: Pessoas e Lugares em encruzilhada

Turma do 2º Ano em Sociologia, FEUC

Em Análise de Dados Qualitativos foi proposto às e aos estudantes explorar novos usos da imagem na sociologia como forma de aceder a perspetivas distintas de análise de fenómenos de relevância sociológica. O desafio aos estudantes consistiu em deambular pela baixa de Coimbra, procurando através da fotografia sobre ela refletir como espaço social onde coexistem e interagem, por vezes de forma não perceptível ao olhar naturalizado do transeunte comum, diferentes pessoas, lugares e sociabilidades, para assim mostrar a baixa como um espaço de contrastes e desigualdades num espaço em acelerado processo de gentrificação.

A nova baixa oficial e sobre publicitada do turismo, que se encontra entre a Igreja de Santa Cruz, o Largo da Portagem e o Arco da Almedina que abre a porta para a alta. Uma baixa povoada de comércio poliglota para um público internacional a quem oferece produtos diferenciados de uma tradição que se reinventa para melhor se vender, de recordações e souvenirs para levar a cidade e o país no bolso.

Esta baixa moderna coabita com uma outra, mais antiga e por vezes invisível. Nela entramos pelas ruas menos movimentadas que revelam o comércio local do café de encontro entre vizinhos de uma vida e comerciantes que recordam os ausentes que lentamente deixaram de aparecer, pelo acaso da vida ou dos negócios. Uma comunidade que envelhece e se espanta com os alojamentos locais que se instalam nas ruas, ocupando a casa dos amigos de outrora, fechando as lojas que criaram a identidade do lugar e da cidade. A especulação imobiliária da construção reconfigura a malha urbana. É também a baixa das periferias, onde novos costumes com sotaques de outras paragens fazem nela casa e celebram um início de esperança em Coimbra. Mas também dos que vivem o limiar da pobreza, paredes meias com a miséria e marginalidade. O desafio foi superado e algumas das imagens podem ser vistas nas páginas 12 e 13 deste número da prisma.soc. ■

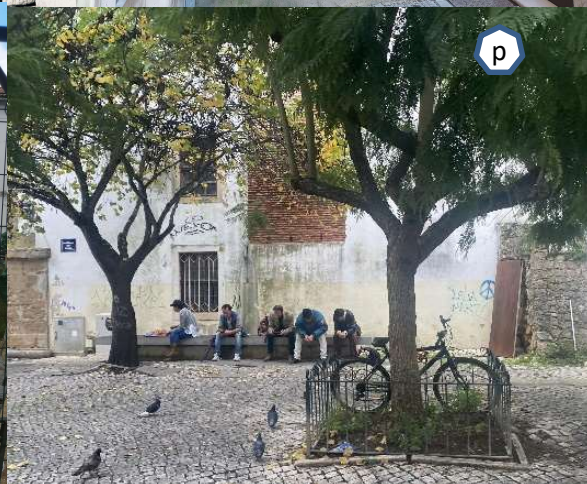
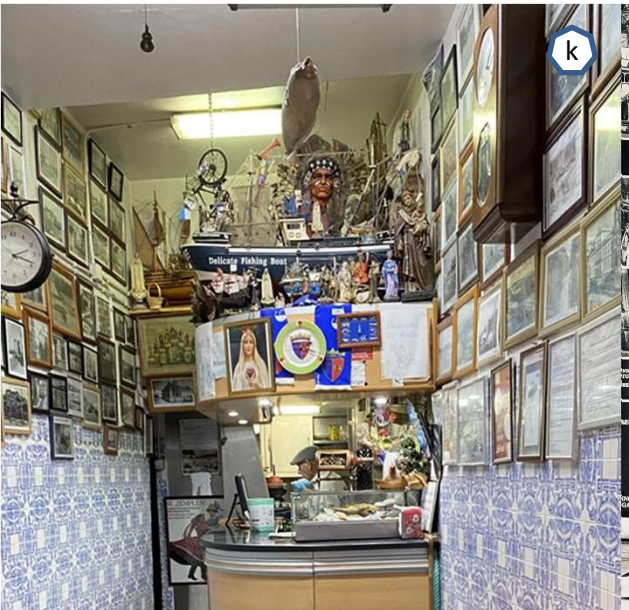
NO TERRENO



Legendas:

- a), e) Maria Marques e Joana Nunes.
- b) Amuneuza Jalo e Kelia Cunha
- c), s) Mariana Vaz Branco e João Coelho
- d), l) Isabel Monteiro e Henrique Agostinho.
- f) Bruno Coelho e Vitória Witzel
- g), n) Cátia Santos, Guilherme Gaspar e Tiago Ventura
- h) Francis Salema

- i) Andreia Carvalho, José Nunes e Margarida Garrido
- j) Beatriz Escaroupa, Ana Constança Reis e Ana Teresa Eira
- k), m) António Coutinho e Lamine Dabó
- o) Maria Filomena Brito e Mariana Rodrigues
- p) Marcela Freire, Francisca Veloso e Magali Monteiro
- q) Inês Silva e Rania Lé
- r) Maria Eduarda Romão e Mariana Afonso



Repúblicas em Ação

Ana Reis e Mariana Dias

Estudantes de Licenciatura em Sociologia, FEUC

“Repúblicas em Ação” é um projeto que procura refletir sobre os processos de gentrificação/turistificação na cidade de Coimbra focando-se na situação das Repúblicas, um símbolo histórico de luta e resistência. As desigualdades no acesso à habitação resultado de políticas urbanas neoliberais que continuam a priorizar es turistas, mas também as classes mais altas e de investidores, colocam as Repúblicas numa posição de desvantagem, marginalizando grupos mais vulneráveis.

O turismo representa hoje uma das maiores apostas da economia em Portugal. Com o decorrer do tempo, veio a verificar-se que as iniciativas de promoção do país enquanto destino turístico, veio beneficiar apenas uma parte restrita da população. O aparecimento de hotéis, lojas e atrações voltadas para es visitantes, acaba por expulsar es antigos residentes, e as principais vítimas são as mesmas de sempre: a classe trabalhadora e de estatuto sócio económico mais baixo, num processo de gentrificação, que tem vindo a ser denunciado nas disciplinas de arquitetura, urbanismo, geografia, sociologia, etc.

Coimbra é considerada uma cidade de interesse turístico, sobretudo desde que a Universidade, Alta e Sofia foram reconhecidas como Património Mundial pela UNESCO, em 2013. São visíveis já algumas mudanças no centro histórico da cidade atribuíveis a processos de turistificação e gentrificação, apesar de estarem ainda pouco estudadas e documentadas.

“De que forma as Repúblicas se têm mantido de pé? Como têm respondido ao aumento de rendas e perigo de despejo? Qual o papel destas comunidades na defesa da sua sobrevivência, mas também na defesa da cidade?” Partimos destas questões que evidenciam fragilidades estruturais em vários domínios políticos, económicos, sociais e culturais para perceber como estes eixos se interseccionam.



Foto: Ana Raquel Matos

Deste modo, recorrer-se-á à aplicação de metodologias qualitativas e quantitativas, através da articulação de fontes teóricas disponíveis com novas fontes empíricas, para levar a cabo uma análise mais aprofundada. Numa lógica de investigação-ação, o estudo concretiza-se nos seguintes objetivos específicos: (i) verificar se os valores das rendas praticadas na cidade influenciam o aumento das rendas nas Repúblicas; (ii) fazer o levantamento e mapeamento de todas as Repúblicas da cidade para a criação de uma plataforma online com o registo das necessidades de cada uma (obras, manutenção, utilidades, etc.), que facilite a comunicação entre es residentes e es nove estudantes (iii) sensibilizar quer a população conimbricense, quer atores políticos, para os desafios que a comunidade estudantil enfrenta constantemente, e por fim, divulgar as situações de abuso, tornando-as públicas com garantias de consentimento e anonimato.

“Espaços míticos da cidade de Coimbra e da vida académica, as repúblicas tiveram origem no século XIV, quando D. Dinis mandou edificar casas na zona de Almedina (informações obtidas a partir do site Center of Portugal) para albergar os estudantes da universidade, “surgindo como resposta ao problema de alojamento e alternativa de vivência comum com encargos económicos mais acessíveis a esta classe” (Andrade, 2014:47).

Abundam os documentos memorialistas acerca destas casas e suas histórias, mas temos quase um deserto de trabalhos académicos, principalmente no que diz respeito à história atual, às lutas que têm travado nos últimos anos. Recorremos a diferentes contributos para fortalecer as nossas convicções e conseguir dar resposta aos objetivos que definimos para o trabalho.

Para responder à crise laboral e habitacional é essencial que as pessoas estejam informadas e é necessário redobrar esforços no sentido de denunciar situações - individuais e coletivas – de violação de direitos. Sob o pretexto desta crise, e à semelhança do que já aconteceu no passado, se deixamos instalar a desorientação e o individualismo, será mais fácil imporem-nos decisões que agravam a desproteção de quem trabalha e de quem tem de lutar para assegurar um teto.

A atual crise que atravessamos traz consigo a certeza de que a precariedade laboral e a carência habitacional serão agravadas. Precisamos de estar juntas, é urgente resgatar o sentido coletivo, a solidariedade e a força de nos apoiarmos mutuamente.

Identificada a lacuna, procurámos contribuir cientificamente e socialmente para que, futuramente, a realidade dos estudantes e dos habitantes da cidade de Coimbra seja mais justa e inclusiva. ■

Tão verde como o capitalismo

Lena Hertel

Estudante da Licenciatura de Sociologia, FEUC

“Fizeram tudo à vontade deles e à última da hora é que a malta soube”.¹ Eis a frase mais ouvida entre a população local acerca dos projetos ambientais que atormentam o litoral alentejano. Trata-se de megalómanas centrais fotovoltaicas disfarçadas de transição energética e tão verdes quanto o próprio capitalismo.

Em maio de 2021 a população da vila Cercal do Alentejo foi surpreendida² com uma sessão de esclarecimento pública marcada nas vésperas do final da consulta pública do Estudo de Impacte Ambiental (EIA) para uma monstruosa central fotovoltaica a 1km da vila. Trata-se de uma área de 816 hectares ao qual lhe é associada uma linha de muito alta tensão de 25km, sendo inúmeros os impactos negativos nos ecossistemas e populações locais, afetando todo o tecido social, económico e turístico da região.¹

Semelhante sucedeu-se na vila Vale de Água com a central fotovoltaica Fernando Pessoa, a maior central da Europa, com uma área de 1.262 hectares, prevendo-se um abate 1,5 milhões de árvores.³

Assume particular relevância o facto da energia produzida por estas centrais não ser para o consumo da população local, mas sim para o abastecimento de um conjunto de projetos privados localizados em Sines, tais como a central de hidrogénio verde promovida pelo consórcio GALPH2Park e o Data Centre Sines 4.0, um centro de armazenamento e processamento de dados cujo promotor é a empresa Start Campus. Trata-se assim de projetos megalómanos mascarados de transição energética e apresentados à população sob a forma de “mistificações técnicas”.⁴

O advogado Rui Amores afirma que o processo de Avaliação de Impacte Ambiental (AIA), conduzido através de Estudos de Impacte Ambiental (EIA), surge como mecanismo de proteção do ambiente e populações face ao licenciamento de projetos destas dimensões.⁵

Contudo, são os próprios proponentes de um determinado projeto que elegem a entidade que irá elaborar o EIA, omitindo assim impactos determinantes e afastando qualquer princípio da imparcialidade.⁶

Semelhante sucede com o processo de AIA que, apesar de ter sido “concebido para ser democrático”⁵, apresenta variadas lacunas na sua implementação, nomeadamente na forma pouco transparente como é apresentado à comunidade.

A recente crise política, desencadeada por estes, levou a que vários movimentos de cidadãos tenham pedido a suspensão imediata do licenciamento destes projetos, retomando os seus anteriores alertas para os impactos destes projetos e para a “forma como foram aprovados em sede de AIA”, sustentando-se “em alegados crimes”.⁷

Reconhecendo a urgência de uma transição justa para energias renováveis e o abandono de combustíveis fósseis, procuro questionar se, ao invés da “concentração da infraestrutura fotovoltaica em grandes grupos económicos”, estas metas não poderiam também ser atingidas através de modelos de produção energética mais descentralizados e democráticos, isto é, direcionadas para as comunidades locais, sendo exemplo disso “as chamadas Comunidades de Energia Renovável”.¹

Referências

¹ Nunes, F., & Luz, G. (2021, setembro). O sol que queima a paisagem. *Jornal Mapa*. <https://www.jornalmapa.pt/2021/07/08/o-sol-que-queima-a-paisagem/>

² Juntos pelo Cercal do Alentejo (Diretor). (2021, maio 10). *Juntos pelo Cercal do Alentejo*. <https://www.youtube.com/watch?v=LwOM8qLgkR4>

³ Suspiro, A. (2023, janeiro 31). Iberdrola e Prosolia

conseguem luz verde ambiental para instalar maior parque solar da Europa em Santiago do Cacém – Observador. *Observador*.

<https://observador.pt/2023/01/31/iberdrola-consegue-luz-verde-ambiental-para-instalar-maior-parque-solar-da-europa-em-santiago-do-cacem/>

⁴ Paulo, M. (2023, março 23). *A central fotovoltaica Fernando Pessoa e a bolha das renováveis*. Água e Ambiente - Portal Ambiente Online. <https://www.ambienteonline.pt/opiniao/a-central-fotovoltaica-fernando-pessoa-e-a-bolha-das-renovaveis>

⁵ Amores, R. (2023, agosto 15). A fraude [Substack newsletter]. *Rui Amores Newsletter*. https://ruiamores.substack.com/p/a-fraude?utm_medium=reader2

⁶ Pação, J. (2014). A Avaliação de Impacte Ambiental e o Princípio da Imparcialidade. Em C. Amado Gomes & T. Antunes (Eds.), *Revisitando a Avaliação de Impacte Ambiental* (pp. 72–95). Instituto de Ciência Jurídico-Políticas.

https://icjp.pt/sites/default/files/publicacoes/files/ebook_aia.pdf

⁷ Juntos pelo Cercal do Alentejo. (2023). *Comunicado de Imprensa «Juntos pelo Cercal do Alentejo»* (Facebook).

https://www.facebook.com/juntospelocercal/posts/pf_bid02cSVrzNDM8XEdK2MB9nUB3iq27hpEojWk6UJBPF1NZb9qVdJWGDbtkbDJZTQfmoPI ■

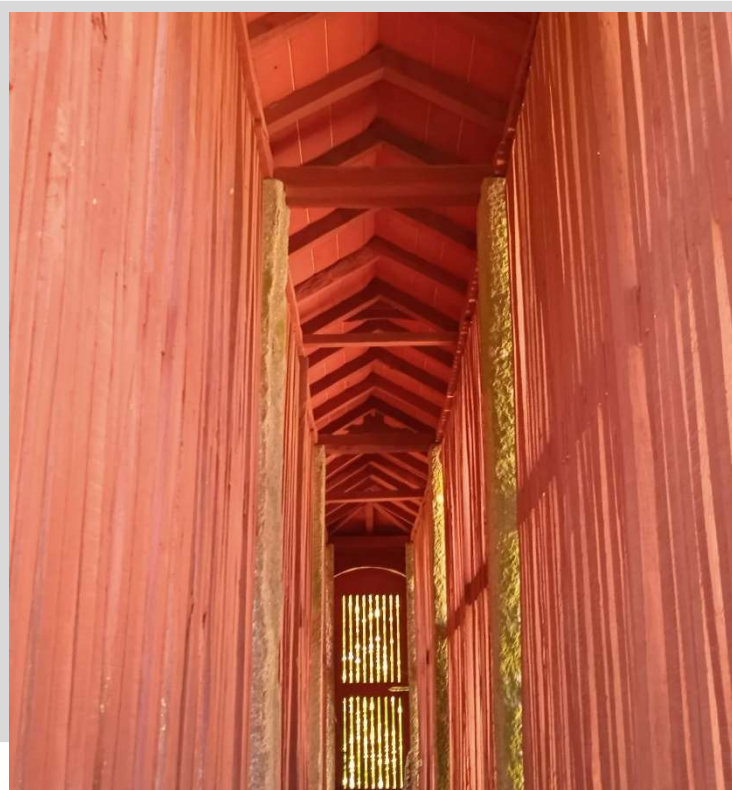


Foto: Daniel Neves Costa

GendER@UC EEA Grants - um projeto de investigação-ação que visa reforçar a igualdade de género na investigação científica conduzida na UC

Mónica Lopes

Investigadora CES

A forma como o conhecimento científico é produzido e traduzido para a sociedade não é alheia ao sistema estrutural que produz desigualdades de género e aloca papéis e posicionamentos hierárquicos distintos. O projeto [Gender-Equal Research@UC EEA Grants \(2021-2024\)](#) visa reforçar a integração da perspetiva de género nos processos e conteúdos de investigação da UC mediante a implementação de um conjunto de medidas promotoras da Igualdade de Género (IG). É promovido pelo Instituto de Investigação Interdisciplinar da Universidade de Coimbra (iiiUC), casa-mãe das 38 Unidades I&D da UC, em parceria com o Centro de Estudos Sociais (CES). Beneficiando do posicionamento estratégico do iiiUC, o projeto propõe-se incluir a perspetiva de género nas suas estruturas e mecanismos internos, desafiando e apoiando as Unidades I&D afetadas na introdução das preocupações com a IG nos seus processos e conteúdos de investigação.

Financiado no âmbito do Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu, surgiu a partir da articulação entre iiiUC, a então Vice-Reitora da UC com o pelouro da investigação, e a coordenadora local do projeto europeu [SUPERA | Apoiando a Promoção da Igualdade de Género na Investigação e Academia](#), que deu origem ao desenvolvimento do [primeiro Plano para a Igualdade de Género da UC](#). Adotando uma abordagem múltipla, que agrega tipologias de ações diversas com enfoques diferenciados, o projeto visava aprofundar e estender o trabalho iniciado com o projeto SUPERA.



Foto: Ana Raquel Matos

Procurando responder à complexidade das desigualdades de género na investigação, o projeto GendER@UC assenta numa abordagem tripla. A primeira, centrada na no empoderamento das mulheres investigadoras da UC (*fixing the women*), enquadra ações de mentoria e apoio à carreira (e.g., [Bootcamp for Women Researchers@UC](#), [Mentoria ERC@UC](#)). A segunda, centrada na transformação institucional (*fixing the institutions*), enquadra ações de diagnóstico, suporte/capacitação de *stakeholders*-chave e adaptação de procedimentos institucionais (e.g., [Workshop Género e Liderança na Investigação](#), [Checklist para o Planeamento de Eventos Inclusivos](#)). A terceira, centrada na eliminação de estereótipos e enviesamentos de género nos conteúdos de investigação (*fixing the knowledge*), integra ações de capacitação e suporte técnico para produção e comunicação de conhecimento sensível ao género (e.g., [workshop Integração da perspetiva de género na investigação](#), [Manual de Comunicação Inclusiva na Investigação](#)).

Através desta estratégia, pretende-se estabelecer bases sólidas para mudanças sustentáveis no cenário da investigação conduzida na Universidade de Coimbra, quer em termos de gestão do processo e carreira de investigação, quer em termos dos conteúdos do conhecimento produzido e disseminado na UC, promovendo um conhecimento mais inclusivo, representativo e socialmente relevante. ■

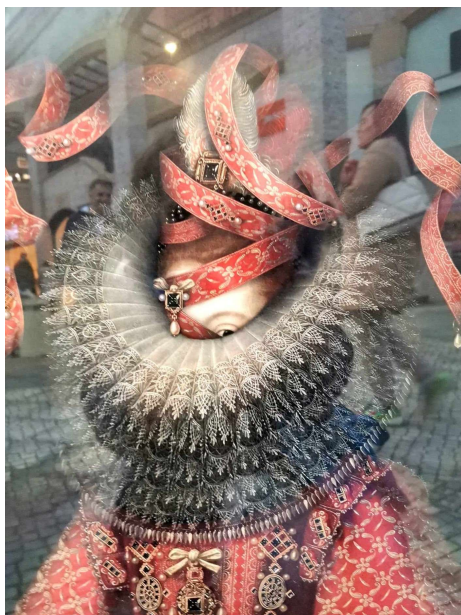


Foto: Ana Raquel Matos

Sexual Harassment: Social Struggles and Legal Troubles

Ana Oliveira

Investigadora CES

O governo da ordem e do significado sexual é um tema que, apesar do seu longo caminho na literatura sociológica, política e jurídica, assistiu a uma explosão espectacular na esfera pública, tornando-se uma fonte de controvérsia com visibilidade na indústria mediática, nos protestos sociais e na agenda das reformas legais. Parte desta efervescência colectiva foi impulsionada pelo movimento *#metoo*, que tornou o assédio sexual uma das suas principais bandeiras de denúncia. Questionando o papel e o protagonismo do direito como um lugar de verdade e de justiça e lidando, simultaneamente, com o escorregadio universo do assédio sexual, esta dinâmica social e política tem levado a interpelar os modos de descrever, de interpretar e de julgar comportamentos, matérias e sujeitos pelas lentes da sexualidade.

No entanto, e apesar desta recente atenção e da aparência de revelação, não só a inscrição do assédio nas políticas públicas e no mundo jurídico não é nova, como o estatuto (jurídico) do sexo/sexualidade é, há longa data, objecto de inflamadas disputas no meio ou provenientes do meio académico. Nomeadamente de matriz feminista. Arelada aos referentes e repertórios em torno da pornografia (anti ou anti-anti), a categoria «assédio sexual» prosperou como comando legal (ou argumento pró-jurídico) ainda durante as ‘guerras feministas do sexo’ (década de 1980), e o seu ‘transplante jurídico’ foi sendo mais ou menos acomodado e operacionalizado consoante as distintas tradições socio-legais. Constitui, por isso, um repositório da genealogia e um observatório para a ligação entre a concepção do sexo e, enquanto manifestação de liberdade e de violência, a sua constituição como objecto de regulação normativa.

No âmbito de um contrato individual, financiado pela FCT, este projecto de investigação – cuja métrica do título resulta melhor em inglês “sexual harassment: social struggles and legal troubles” do que em português “assédio sexual: lutas sociais e problemas jurídicos” – procura desenvolver uma abordagem cultural às fontes de direito no domínio do assédio, concebendo, por um lado, a prática jurídica como um método de descrição e regulação aberto a ideias e categorias provenientes de diferentes fóruns, incluindo artísticos/estéticos e políticos, e, por outro lado, encarando a invocação sexual (ou do carácter sexual) como um problema discursivo e interpretativo, subordinado à disciplina, função e relevância da sua enunciação (penal, laboral, taxonómica, estética/artística).

Para tal, o plano de investigação envolve i) um regresso crítico às principais – e amplamente contraditórias – teorias do direito feministas e queer, e aos múltiplos contributos desenvolvidos no âmbito dos estudos culturais do direito; ii) perscrutar os discursos políticos, o exercício legislativo e as práticas de fundamentação jurídica na litigação judicial; iii) observar a sua expressão e propagação nas políticas públicas e na governação disciplinar corporativa; e ainda iv) reconstituir a história da pornografia – enquanto categoria taxonómica e normativa, e dispositivo para regular conteúdos e actividades –, expandindo o estudo sobre o significado do sexo e as suas tecnologias de representação de forma a demonstrar a circulação de conceitos e categorias que influenciam a literatura jurídica (em sentido lato) e a revelar as lutas simbólicas com que tem lidado e tentado codificar. ■

Entre o perfeito e o possível. Uma etnografia do bom cuidado na doença mental grave em Portugal

Joana Zózimo

Doutorada em Sociologia, FEUC

Neste projeto, estudei os ideais de ‘bom cuidado’ (Pols J., 2003) na doença mental grave e como se concretizam na prática de utentes, profissionais e familiares. Para o ilustrar, analisei atividades relacionadas com comida e bebida, psicomedicação e cuidados performativos, identificando empiricamente os ideais éticos e as tensões que diferentes versões de ‘bom’ produzem no dia a dia. Daí, surgiram ‘vários hospitais dentro do Hospital’, ou seja, quatro repertórios baseados em quatro dimensões de cuidado: psiquiátrico, reabilitativo, lúdico e colaborativo. Este último constitui uma alternativa emergente de cuidado, ao conciliar os vários contributos e recursos existentes nas outras composições de hospital. As suas qualidades assentam na convivência de ideais e estratégias para lidar com a doença mental e sugerem uma constante adaptação de saberes dentro de um coletivo de cuidado (Winance, 2010; Muusse, Kroon, Mulder, & Pols, 2020).

As notas registadas durante seis meses de observação participante em duas unidades ambulatoriais, num hospital geral, foram analisadas de acordo com a ética empírica (Pols 2003; 2004), e o método de montagem (Latour & Woolgar, 1986; Law, 2004), enquadrando-se nos estudos da ciência e tecnologia e da semiótica material. Assim, escolho uma abordagem pragmática e pós-moderna ao estudo da doença mental, em que a experiência de investigação desiste de ser neutra e se imbrica na experiência da investigadora. Esta opção, além de procurar o rigor da análise, assume uma postura ética que atravessa todas as etapas da pesquisa, e aceita as suas consequências metodológicas na produção do conhecimento apresentado.

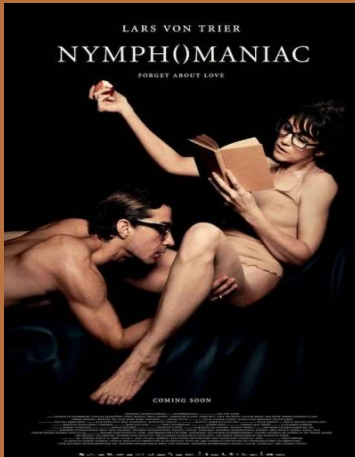
Historicamente, a prestação de cuidados à doença mental é hospitalocêntrica, em Portugal (Portugal & Nogueira, 2010; Caldas de Almeida J. M., 2018). Embora tenham sido feitos esforços para a desinstitucionalização, atrasos na reforma dos serviços e pouco interesse político, público e científico contribuíram para a sua invisibilidade e de outras formas de cuidar além da psiquiatria. Este estudo desvela a diversidade de vivências da doença mental e, embora se centre numa etnografia hospitalar, documenta as várias atividades que ali se praticam e as combinações que assumem consoante os intervenientes, os espaços e os recursos disponíveis, além da dinâmica usual entre psiquiatra, enfermeira e utente.

Perante as modalidades de bom cuidado identificadas, concluo que este é um compromisso constante e quotidiano entre o perfeito imaginado e o presente possível, dependente das condições materiais e simbólicas disponíveis a cada momento. Por conseguinte, estas podem ser tão favoráveis dentro de uma instituição hospitalar como na ‘comunidade’ (para que se orientam as políticas de saúde mental), desde que num e noutro contexto se procurem negociar as normas de pertença, ação e pensamento e se incluam quem e o que é diferente. Assim, nenhum contexto é perfeito por si, mas a sua bondade comprova-se na prática e na diversidade que permite. ■

Nymphomaniac

Sofia Simões Marques

Estudante de Licenciatura em Sociologia, FEUC



A sexualidade feminina é, há séculos, objeto de estudo. Na sua maioria homens que se dizem «especialistas na medicina feminina», são autores de livros, escritores de peças ou cientistas que retratam a sexualidade feminina como algo que carece de «instrução» e/ou «tratamento». Por meios da ciência, da literatura, da arte, da religião ou do cinema, os corpos femininos têm se mostrado involuntariamente vigiados e encurralados. De forma a exemplificar a disseminação de crenças sexistas, misóginas e machistas, nomeadamente, através do cinema, decorre-se uma breve análise do filme «Nymphomaniac», lançado em 2013, dirigido por Lars von Trier.

Esta metragem, dividida em dois volumes devido à sua extensa duração, tem como protagonista uma mulher que se diagnostica como ninfomaniaca, ou seja, viciada em sexo. No decorrer do filme, vários são os parceiros sexuais com que a personagem, Joe, se envolve, em variados locais e de variadas formas. A conduta sexual que esta mulher personifica leva-a a sentimentos de culpa, de angústia e de frustração, conseqüente dos olhares da sociedade quanto à sua «exagerada» atividade sexual. Um dia, Joe, num estado de vulnerabilidade emocional, é encontrada na rua por um homem mais velho- Seligman- que a leva para sua casa com o intuito de cuidar dela. O enredo do filme continua em casa do homem, onde Joe lhe conta as

suas experiências, apelidando-se de «má pessoa» devido à sua «condição» sexual. Desta maneira, a personagem feminina transparece um tipo de autopunição, em que se culpa a si mesma por sentir desejos sexuais, ditos exagerados. Ambas as personagens desenvolvem certa confidencialidade durante a estadia de Joe na casa de Seligman, e assim, o filme transporta consigo a ideia de mulher fragilizada e sensível que carece da salvação de um homem mais velho, que a faça repensar e alterar o seu estilo de vida.

Este artefacto cultural, fruto da cinematografia ocidental, é capaz de nos conduzir ao debate assente nas desigualdades de género. Isto é, analisando o termo que deu origem ao filme, percebe-se que este é dirigido apenas para o género feminino. Contrariamente à permissão social que o género masculino detém quanto às expressões de liberdade sexual, a mensuração do que é, ou não, aceitável no que toca à sexualidade feminina é drasticamente menor. Assim, surge a medicalização da sexualidade feminina como método de controlo, bem como de perpetuação de desigualdades de género. Todavia, devido ao reconhecimento da sexualidade, independente do género, como algo biológico, psicológico e social, a ciência já excluiu a ninfomania do âmbito de doenças psiquiátricas. Em contrapartida, o meio social e cultural encarrega-se de continuar a incutir que mulher séria é mulher que não faz sexo. O filme «Nymphomaniac» é então criticado por perpetuar ideias misóginas e sexistas, com o objetivo de encurralar o comportamento sexual do género feminino e assim, se manter de alguma forma, a estratificação de género na sociedade.

Referências Bibliográficas:

- Loyola, M. A. (2003). Sexualidade e medicina: A revolução do século XX. *Cadernos de Saúde Pública*, 19(4), 875–884
- Santos, M. I. D. D. A., & Pinheiro, C. V. D. Q. (2016). Representações da loucura feminina no cinema – Augustine e nymphomaniac. *Revista de Humanidades*, 31(2), 395. ■



Foto: Ana Raquel Matos

Aprendizagens em contexto de Erasmus

José Miguel Lopes

Estudante de Licenciatura em Sociologia, FEUC

Participar num programa de Erasmus foi um objetivo pessoal desde que iniciei o meu percurso no ensino superior. A ideia de que se pode viver noutra país, aprender outra língua e conviver com jovens de tantos outros países é naturalmente atrativa. Realizei o meu programa Erasmus na Faculdade Filosófica da Universidade de Hradec Králové, na Chéquia.

O Programa Erasmus define como um seu objetivo a mobilidade para a aprendizagem assim *“como a cooperação, a qualidade, a inclusão e equidade, a excelência, a criatividade e a inovação a nível das organizações e das políticas no domínio do ensino e formação”*.

Alguns destes aspetos são preenchidos com sucesso - a cooperação principalmente. Problemas que seriam resolvidos com facilidade no nosso país tornam-se pesadelos devido à barreira linguística. A cooperação entre estudantes (internacionais e checos) é essencial para a sua resolução - problemas como colocar o símbolo @ no teclado checo ou imprimir nas fotocopiadoras da faculdade. Ao nível da qualidade, julgo que a experiência e as aprendizagens sairiam beneficiadas se não existisse uma atitude de

facilitismo perante os e as estudantes internacionais. Esta atitude de facilitismo provocou uma certa superficialidade nos conteúdos apresentados. Quanto à inclusão, subsistem desafios relacionados com a ciganofobia, islamofobia e homofobia, provocando eventuais atritos entre alguns estudantes.

A Universidade de Hradec Králové, principalmente no que se refere ao departamento de Sociologia, tem uma perspetiva teórica bastante diferente daquela que tenho na Universidade de Coimbra. Devido a importantes diferenças na história dos dois países, não há, na Chéquia, uma ênfase em temáticas decoloniais. Não há, também, foco em teoria crítica. O foco, na UHK, tende a ser a modernidade e os seus processos, em todas as disciplinas do departamento de Sociologia. Ainda assim, um ponto de contacto é a valorização dos estudos de género e de teorias feministas. O meu conhecimento dos clássicos da Sociologia, Durkheim, Weber, Marx, Comte está hoje mais forte, assim como o meu domínio de debates mais recentes em certas temáticas, como a religião, que sinto que foi o tema que mais aprofundei.

A perspetiva relativa à utilização de ferramentas de Inteligência Artificial é bastante diferente. Em Hradec Králové, o seu uso é promovido, citando a pergunta realizada e a ferramenta utilizada. O objetivo é promover a adaptação e o uso responsável das ferramentas de I.A., que são vistas pelos docentes como inevitáveis num futuro próximo.

A receção dos e das estudantes internacionais por parte de colegas checos foi um outro aspeto muito convidativo. A Universidade de Hradec Králové, com as suas faculdades e os seus dormitórios proporciona um ambiente muito convidativo e adaptado à receção de estudantes de Erasmus. A cidade vibra com a nossa presença. Não me arrependo da experiência, não me esquecerei dela e recomendo vivamente. ■

Lugares de memória: Condição irrevocável do presente

Cíntia Fachada

Doutoranda em Sociologia, FEUC



Foto: Cíntia Fachada

É com nostalgia que revisito as memórias de quando estive em Potsdam e em Berlim, durante um mês, numa fase em que me encontrava a escrever a dissertação de mestrado. Falo de memórias enquanto experiência vivida, mas também da materialidade que edifica um passado que insiste em ser presente.

Ao contrário de Paris, cidade onde morei e estudei durante um semestre na licenciatura, foi em Potsdam onde me realizei e me senti em casa. Pesa embora tenha sido avessa à língua e ao trato assaz distanciado que tanto caracteriza os países do norte da Europa.

Ter ficado num alojamento situado a poucos passos do palácio *Sanssouci* e dos seus emblemáticos e infundáveis jardins, foi um dos segredos para tornar a experiência memorável. Desde o ruído harmonioso orquestrado por inúmeros intervenientes, os aromas de uma natureza abundante e exuberante, até à contemplação dos aposentos do rei Frederick, da Prússia, cujo apreço

pela cultura francesa era tão semelhante ao meu, estava rodeada de uma atmosfera inesperadamente acolhedora.

Na altura estava a dissertar sobre comunidades afetadas pelos incêndios florestais, e pouco tempo tinha dedicado, até então, para refletir sobre o papel da memória. A arte de cruzar a estética moderna de uma cidade como Berlim e a História, através de memoriais, monumentos, esculturas, museus, apanhou-me completamente de surpresa. Por instantes, era transportada para outra dimensão espaço-temporal, percebendo o meu enorme privilégio de estar naquela realidade, mesmo que representada, passivamente. Trágicos eventos marcaram gerações inteiras, cujas cicatrizes pontuam o urbano, proporcionando ao visitante as mais variadas sensações, das quais a indiferença, certamente, não será uma delas.

Houve especialmente três lugares de memória que mais me ressoaram. A visita ao museu *Topographie des Terrors*, que faz um retrato exímio da Alemanha Nazi, a escultura *Trains to death*, que representa as deportações, em particular de crianças, para os centros de exterminação e o projeto *Stolperstein* que homenageia as vítimas do Holocausto.

Aculturei-me o máximo que o meu bolso e tempo permitiram. Não apenas por lazer, mas enquanto dever cívico e moral. Estaremos condenados a repetir os mesmos erros? Quantas mortes terá ainda o mundo de conhecer para que o senso de humanidade nos incorpore de vez? Tudo começa com a mais ínfima discriminação em relação a um semelhante. Seja pelo que ele veste, pensa, diz ou aparenta. Bem sei, enquanto socióloga, que será uma reflexão demasiado simplista da realidade, mas, no final do dia, não estamos a lutar por um mundo emancipador e sem sofrimento?

Quando regresssei a Portugal, sabia que parte de mim ficaria para trás. Convivi e aprendi com colegas e especialistas no Research Institute for Sustainability, cuja hospitalidade foi inexpugnável, e usufruí de tudo o quanto podia. Se estar realizada não é chegar a casa com uma bagagem preenchida, então não saberei de todo o que é. ■

**SOCIEDADES
POLARIZADAS?**

**DESAFIOS
PARA A
SOCIOLOGIA**

XII CONGRESSO
PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

4 - 6 ABRIL 2023

CONVENTO DE SÃO FRANCISCO – FACULDADE DE ECONOMIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA



XII Congresso Português de Sociologia da APS

Entre os dias 04 e 06 de abril de 2023, Coimbra acolheu o XII Congresso Português de Sociologia, realizado pela APS, que teve como tema “Sociedades Polarizadas? Desafios para a Sociologia?”. O evento teve a sua sessão inaugural no Centro de Congressos do Convento de S. Francisco, Coimbra, tendo contado com a palestra proferida pela Professora Donatella Della Porta, da Scuola Normale Superiore em Florença, que partilhou com os muitos presentes uma “Conversa sobre o Futuro dos Novos Movimentos Sociais”. Nos restantes dias do congresso, os trabalhos aconteceram na Faculdade de Economia.

Colóquio Internacional Trabalho, Economia e Sociedade: transversalidades emergentes

Nos dias 13 e 14 de outubro realizou-se, no Auditório da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, o “Colóquio Internacional Trabalho, Economia e Sociedade: transversalidades emergentes”. O evento foi organizado por diversos docentes da FEUC e investigadores do CES e inseriu-se nas comemorações dos 50 anos da faculdade. Este colóquio internacional procurou “lança(r) um apelo a que se coloque o fator “trabalho” no centro de uma reflexão coletiva destinada a analisar criticamente as dinâmicas económicas e sociais do nosso tempo”, de acordo com as palavras da nota de apresentação do evento. De referir ainda que esta atividade contou com uma conferência pré-colóquio que foi proferida no dia 11 de outubro pelo sociólogo alemão Hartmut Rosa, da Universidade de Jena, intitulada “Acceleration and the World of Work”. Este foi mais um exemplo da grande atenção que a sociologia em Coimbra vai dando aos temas que motivam discussão atenta na atualidade.

Sessão de apresentação do livro «O Papel do Direito e dos Tribunais na violência contra as mulheres», de Madalena Duarte



Foto: CIREP

Em 17 de novembro foi a vez de Madalena Duarte, docente da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, apresentar o seu livro intitulado “O Papel do Direito e dos Tribunais na violência contra as mulheres”. A obra foi apresentada na Sala Keynes da FEUC e contou com as palavras de apresentação do Doutor Rui do Carmo, Procurador da República jubilado, e da Doutora Rosa Monteiro, professora da FEUC. A obra procura discutir os obstáculos que persistem no acesso ao direito e na obtenção de justiça por parte das mulheres vítimas de violência doméstica e conta com a chancela da editora Afrontamento.



Mostra de Formação Avançada da FEUC: vem descobrir o Futuro do Ensino, da Investigação e da Inovação!



Foto: CIREP

Ainda em novembro, mais precisamente no dia 29, decorreu na Sala Polivalente da FEUC uma Mostra de Formação Avançada da FEUC que procurou dar a conhecer a oferta de estudos de segundo e terceiro ciclos existente na faculdade. A mostra contou com dois momentos: um primeiro que se traduziu numa Feira de Mestrados, onde os/as estudantes puderam conhecer melhor os 12 Mestrados disponibilizados pela FEUC e esclarecer as suas dúvidas junto das Coordenações de curso, da Escola de Estudos Avançados e do Gabinete de Empregabilidade e Empresas; e um segundo momento que se substanciou numa Exposição de Posters Científicos através da qual foi possível dar a conhecer a diversidade de projetos em curso dos/as estudantes dos 14 programas de doutoramento em curso na FEUC. ■

Visita ao CES do Mestrado em Sociologia da FEUC

Mesmo antes de terminar o ano, em dezembro de 2023, a Professora Rosa Monteiro, coordenadora do Mestrado em Sociologia da FEUC, levou os alunos que integram a atualmente o curso ao Centro de Estudos Sociais, para que estes pudessem conhecer as instalações e os investigadores que diariamente trabalham naquele centro de investigação e, desta forma, ficar a conhecer melhor as sinergias existentes entre a FEUC e o CES. ■



Foto: CIREP

Prémio FEUC Ensino 2023 atribuído a Ana Raquel Matos

No dia 02 de dezembro de 2023, durante o encerramento das comemorações dos 50 anos da FEUC, a nossa docente Ana Raquel Matos foi agraciada com o prémio FEUC Ensino 2023, que distinguiu a qualidade da docência e inovação pedagógica de docentes da FEUC. As estratégias pedagógicas implementadas na unidade curricular “Desigualdade e Movimentos Sociais”, da licenciatura em Sociologia, convenceram o júri, por unanimidade, pela capacidade em envolver os/as estudantes com vista a motivar a sua participação e apelar ao seu pensamento crítico. ■



Foto: CIREP

Prémio Fundação Eng.º António de Almeida

O prémio para a melhor tese de doutoramento, atribuído anualmente pela Fundação Eng.º António de Almeida, foi este ano para a Joana Zózimo com a tese “Entre o perfeito e o possível. Uma etnografia do bom cuidado na doença mental grave em Portugal” defendida no âmbito do programa doutoral em Sociologia da FEUC. A tese da Joana Zózimo, orientada pelas professoras Doutora Sílvia Margarida Violante Portugal e Doutora Fátima Alves, foi escolhida como a melhor tese das várias áreas científicas dos Programas de Doutoramento da FEUC aprovadas com distinção e louvor na FEUC no ano 2022. Parabéns à Joana! ■





Colóquio Sindicalismo, Trabalho e Cidadania. Lisboa, 20-21 junho de 2024

Realizar-se-á nos próximos dias 20 e 21 de junho no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa e no ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa o colóquio “Sindicalismo, Trabalho e Cidadania. 90 anos depois do 18 de janeiro de 1934”. Este colóquio procura evocar o movimento do 18 de janeiro de 1934 e a tentativa de greve geral revolucionária que procurou travar o Estado Novo. Aproveitando a celebração dos 50 anos do 25 de Abril, este evento será uma oportunidade para sociólogos e historiadores de diversas instituições académicas portuguesas organizarem um colóquio multidisciplinar para debater as mudanças no sindicalismo, no trabalho e na cidadania observadas ao longo deste período. ■

KISMIF 2024 – Keep It Simple, Make It Fast International Conference, 10-13 julho 2024

A cidade do Porto acolherá em julho próximo, entre os dias 27 e 30, mais uma edição da conferência internacional KISMIF. Tendo como organizadores a Professora Paula Guerra e o Professor Andy Bennett, esta edição, que assinala os dez anos desde a realização do primeiro KISMIF, será mais uma oportunidade para todos aqueles que se interessam pelas culturas alternativas comunicarem o seu trabalho e conhecerem o que se vai fazendo por esse mundo fora no que a estas temáticas diz respeito. As propostas para comunicações podem ser enviadas até 15 de março de 2024.

Mais informação em: kismifconference.com/pt/



16th Conference of the European Sociological Association, 27-30 agosto, Porto.

Também no Porto, mas em agosto, entre os dias 27 e 30, realiza-se, em diversos espaços espalhados um pouco por toda a cidade, a 16ª conferência da Associação Europeia de Sociologia. Tensão, confiança e transformação serão os temas que motivarão o debate em torno dos desafios com que se debatem as sociedades atuais.

Mais informação pode ser encontrada no site da conferência em: www.europeansociology.org ■



Mestrado em Sociologia

Democracia Cultural e Arte Participativa: Jazz ao Centro Clube, uma Associação Fora dos Eixos

Relatório de Estágio

Bernardo Castanheira Rocha

Deficiência e Práticas Artísticas: o papel do teatro na identidade das pessoas com deficiência visual

Dissertação

Susete Flor Neto Margarido

De Portas Abertas: Trabalho Na Arregaça

Relatório de Estágio

Onésio Ferreira Intumbo

O Tempo de Trabalho da Magistratura Judicial: Estudo comparativo dos tribunais de primeira instância de competência genérica e especializada

Dissertação

Maria Madalena Cid Teles Garcia de Campos

Saúde Mental em Crianças. A Experiência na CPCJ de Coimbra

Relatório de Estágio

Rúben Filipe da Silva Gonçalves

A desigualdade em saúde transgénero importa! Desconstruindo a desigualdade em saúde transgénero: O papel do ativismo social na abordagem da desigualdade em saúde da comunidade transgénero

Dissertação

Maria Carolina Carvalho Raposo

Os impactos da Reprodução Medicamente Assistida nas relações conjugais

Dissertação

Melissa Isabela Borges Martins

Estereótipos de género: Decisões académicas, perspetivas e expectativas profissionais e familiares dos/as estudantes da Universidade de Coimbra

Dissertação

Alexandre Vivas da Silva

O Estado da Arte da Inovação, Impacto Social e Desafios para o futuro das ONGD Portuguesas

Relatório de Estágio

Otília Trindade Pedrosa

Ecofeminismos e o Desenvolvimento em Moçambique: Críticas Ecofeministas ao Desenvolvimento a partir das Vozes e Práticas de Mulheres Académicas e Camponesas da Província de Maputo

Dissertação

Djamila da Silva Sales de Andrade

A caminho do progresso: Problematização de um projeto modernizador: o caso do Metro Mondego

Dissertação

Isabel Coelho de Moura Aubry

O sistema de cooperação intermunicipal na NUT III Ave

Dissertação

Luís Henrique Vaz Abreu

O direito como estratégia de luta política dos movimentos sociais: defesa da vida e da moradia no contexto da pandemia da COVID-19

Dissertação

Beatriz Santos Vieira Palma ■

Doutoramento em Sociologia

Migrações Sul-Sul, a presença da Comunidade chinesa em Nampula -Moçambique 2010-2017, Investimento ou Neocolonialismo?

Alfredo João Munquela

Das doutrinas pedagógicas às competências socioemocionais : disputas em torno da escolaridade no Brasil contemporâneo

Izabela Romanoff Paiva

A cultura e a experiência da cidade: um estudo sobre a culturalização urbana numa cidade do interior

Rita Isabel dos Santos Henriques

The (difficult?) construction of a democratic justice in contemporary societies: the Portuguese case

Maria da Conceição Albuquerque Gomes

Doutoramento em Direito, Justiça e Cidadania no Século XXI

Acesso á justiça social através da aplicação e efetividade das cotas raciais no ensino público superior do Brasil

Lucimar Antônia Borges

Empresa social e União Europeia: conceito jusnormativo em construção

Maíra Fajardo Linhares Pereira

Doutoramento em Pós-Colonialismos e Cidadania Global

Sexualidades Mayas Contemporâneas: El caso de los Mayas de la Península de Yucatán y Chiapas, México

Ruben de Jesus Solis Mecalco

Corpos na margem, Corpos em trânsito: Instâncias de restauração da visualidade nas Caraíbas e Literaturas do Índico Africano

Eliana Milagros Diaz Munoz

Doutoramento em Sociologia - Relações de Trabalho, Desigualdades Sociais e Sindicalismo

O sindicato independente de quadros bancários e as suas estratégias de poder: um estudo de caso"

Maria Antónia Gaspar da Mota

A Transformação das Pescas Nacionais: caminhos e causas na construção do cenário atual – o caso da comunidade piscatória da Nazaré

João Paulo Quinzico Delgado

Doutoramento em Governação, Conhecimento e Inovação

Universidade em mudança: Organizações, Finanças e Contratos

Gonçalo Cardoso Leite Velho

A rede "Farmácias Vivas" no Ceará: provisão de Saúde e Desenvolvimento

Francisco José Alves de Castro

Doutoramento em Sociologia - Cidades e Culturas Urbanas

Memory persistence - Narratives, subjectivity and urbanization in the neighborhood of Casal Ventoso

Isabela Bentes Abreu Teixeira

Doutoramento em Democracia no Século XXI

As Tecnologias Sociais e Digitais na Construção de Espaços de Emancipação: contextos dos orçamentos participativos em Porto Alegre, no Brasil e Lisboa, Portugal

Maria Margareth Lins Rossal ■

DIA DA SOCIOLOGIA

As experiências de trabalhar na Sociologia

6 de fevereiro 2024
Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra

10h30
Auditório da FEUC
Mesa de Abertura

Hermes Costa
Subdiretor da FEUC

Tiago Santos Pereira
Diretor do CES

José Manuel Mendes
Coordenador do Núcleo de Sociologia

Sílvia Portugal
CoCoordenadora do Doutoramento em Sociologia

Rosa Monteiro
Coordenadora do Mestrado em Sociologia

Ana Raquel Matos
Coordenadora da Licenciatura em Sociologia

Andreia São José
Presidente da Direção do Núcleo de Estudantes de Sociologia da AAC

15h
A Sociologia e as práticas profissionais

Carla Vale
IEFP NORTE – Instituto de Emprego e Formação Profissional

Joana Zózimo
PORDATA

Rodrigo Azevedo
REVOLUT

Vanda Pacheco
CCDR - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro

Moderação: **Hermes Costa**

11h
A saúde mental em debate

Maria Matos
Psicóloga Clínica

Sílvia Portugal
FEUC

Moderação: **Francisca Monteiro**
NES/AAC

18h
Biblioteca da FEUC
Lançamento da revista **Prisma.Soc n.º11**

Momento musical com **Bernardo Rocha e João Bargão (BERRO)**

Organização:
Núcleo de Sociologia da FEUC
Núcleo de Estudantes de Sociologia da AAC



Comissão Editorial n.º 11: António Carvalho, Daniel Neves Costa e Manuel Soares

Contactos

Email: newsoc@fe.uc.pt

Morada: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra. Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 – Coimbra – Portugal.

Orientações para publicação:

A Newsletter *prisma.soc* é uma publicação dos cursos de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC) destinada à difusão de informação e à publicação de pequenos ensaios e reflexões, assim como à divulgação de encontros e eventos realizados na FEUC e outras instituições. A *prisma.soc* publica textos da autoria de estudantes e professores dos cursos de pós-graduação, mestrado e doutoramento em Sociologia, mas também aceita contribuições de todos/as interessados/as em divulgar trabalhos e informações de natureza sociológica. A decisão sobre a publicação de contributos não solicitados será comunicada com celeridade aos autores.

Os/as colaboradores/as da *prisma.soc* devem observar as seguintes limites para as várias rubricas (em número de caracteres, incluindo espaços): "No terreno": 5.000; "Ensaio": 7.000; "Encontro": 3.000. As restantes colaborações não solicitadas não devem exceder 3.000 caracteres.

Os textos propostos devem incluir uma imagem de ilustração, a ser enviada conjuntamente para: newsoc@fe.uc.pt.

